

A EDUCAÇÃO E A MÍSTICA NO/DO MST: percurso ético-político-educativo na construção de saberes e de um povo político emancipado

EDUCACIÓN Y MÍSTICA EN / DEL MST: camino ético-político-educativo en la construcción del conocimiento y un pueblo político emancipado

EDUCATION AND MYSTIC IN / OF THE MST: ethical-political-educational path in the construction of knowledge and an emancipated political people

Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo¹
<https://orcid.org/0000-0002-0554-8732>

André Gustavo Ferreira da Silva²
<https://orcid.org/0000-0001-9486-1052>

Resumo

O presente artigo se inscreve na interface entre os Movimentos Sociais e a Educação, partindo da realidade da prática educativa da Mística do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A problemática que mobiliza esta reflexão é: quais as possíveis contribuições da Mística na perspectiva da educação emancipatória para o fortalecimento dos processos de formação humana no MST? O artigo tem como objetivo analisar as contribuições da Mística na perspectiva da educação emancipatória para o fortalecimento dos processos de formação humana no Movimento Sem Terra. Para tal itinerário, mobilizou-se a metodologia baseada na pesquisa bibliográfica. No desenvolvimento do percurso teórico-metodológico, fez-se uso das reflexões de autores abalizados nas discussões, tais como: Coelho (2010), Caldart (2012), Stedile e Fernandes (2012), Souza (2012), Moura (2019) e Figueiredo (2020). Por fim, concluiu-se que a Mística enquanto prática educativa possibilita o fortalecimento do processo de formação humana e identitária do povo político do MST e, ao mesmo tempo, a educação para a coletividade a qual torna consistente a existência e a mobilização organizativa e política do Movimento Sem Terra no decorrer da história e das lutas sociais por um projeto societário outro.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinar em Formação Humana, Representações e Identidades (GEPIFHRI/UFPE/CNPq) e do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação do Campo e Quilombola (GEPECQ/UFPE/CNPq). E-mail: allandiego_st@hotmail.com

² Doutor em Educação pela UFPE. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu-UFPE). Membro do Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinar em Formação Humana, Representações e Identidades (GEPIFHRI/UFPE/CNPq). E-mail: andreferreiraufpe@gmail.com

Como referenciar este artigo:

FIGUEIREDO, Allan Diêgo Rodrigues; SILVA, André Gustavo Ferreira da. A educação e a mística no/do MST: percurso ético-político-educativo na construção de saberes e de um povo político emancipado. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-19, 2021.

DOI <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.6348>

Palavras-chave: Mística. Educação emancipatória. MST. Formação humana.

Resumen

Este artículo es parte de la interfaz entre Movimientos Sociales y Educación, a partir de la realidad de la práctica educativa de la Mística del Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST). El problema que moviliza esta reflexión es: ¿cuáles son los posibles aportes de la Mística en la perspectiva de la educación emancipadora para el fortalecimiento de los procesos de formación humana en el MST? El artículo tiene como objetivo analizar los aportes de la Mística en la perspectiva de la educación emancipadora para el fortalecimiento de los procesos de formación humana en el Movimiento de los Sin Tierra. Para este itinerario se movilizó la metodología basada en la investigación bibliográfica. En el desarrollo del camino teórico-metodológico se utilizan las reflexiones de autores expertos en las discusiones, tales como: Coelho (2010), Caldart (2012), Stedile y Fernandes (2012), Souza (2012), Moura (2019) y Figueiredo (2020). Finalmente, se concluyó que la Mística como práctica educativa posibilita el fortalecimiento del proceso de formación humana e identitaria de los políticos del MST y, al mismo tiempo, la educación para la comunidad que hace la existencia y la organización y política. La movilización consistente del Movimiento de los Sin Tierra en el curso de la historia y las luchas sociales por otro proyecto social.

Palabras clave: Mystic. Educación emancipadora. MST. Formación humana.

Abstract

This article is part of the interface between Social Movements and Education, based on the reality of the educational practice of the Mystique of the Landless Rural Workers Movement (MST). The problem that mobilizes this reflection is: what are the possible contributions of Mystic in the perspective of emancipatory education for the strengthening of the processes of human formation in the MST? The article aims to analyze the contributions of Mystic in the perspective of emancipatory education for the strengthening of human formation processes in the Landless Movement. For such an itinerary, the methodology based on bibliographic research was mobilized. In the development of the theoretical-methodological path, the reflections of authors skilled in the discussions are used, such as: Coelho (2010), Caldart (2012), Stedile and Fernandes (2012), Souza (2012), Moura (2019) and Figueiredo (2020). Finally, it was concluded that the Mystique as an educational practice enables the strengthening of the process of human and identity formation of the political people of the MST and, at the same time, education for the community which makes the existence and the organizational and political mobilization consistent the Landless Movement in the course of history and social struggles for another societal project.

Keywords: Mystic. Emancipatory education. MST. Human formation.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está inserida no âmbito das discussões sobre a interface entre Movimentos sociais e Educação. No contexto das reflexões e lutas pela democratização do Ensino básico e Superior, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)

possibilita uma série de espaços não escolares para os estudos da Educação, mormente, uma educação emancipatória que visa à formação dos sujeitos sociais para uma compreensão e atuação sólidas na luta social na defesa de projetos de sociedade que fortaleçam os espaços educativos dos Movimentos sociais, a Educação do campo e o compromisso com a formação humana, considerando a identidade dos/as envolvidos/as no percurso de ensino e aprendizagem. Dessa forma, essa pesquisa surge num contexto de contradições políticas e sociais que julgam, negativamente, as investidas dos Movimentos sociais que se manifestam contra os poderes que oprimem as minorias da sociedade, sobretudo no que diz respeito à sua invisibilidade enquanto sujeitos coletivos produtores de saberes/conhecimentos contra-hegemônicos (SANTOS, 2006).

Desenhou-se como problemática norteadora da pesquisa: quais as possíveis contribuições da Mística na perspectiva da educação emancipatória para o fortalecimento dos processos de formação humana no MST? Segue-se disso o objetivo de analisar as contribuições da Mística na perspectiva da educação emancipatória para o fortalecimento dos processos de formação humana no Movimento, entendendo formação humana como o processo de subjetivação direcionado para a constituição de pessoas que se representam enquanto engajadas nos processos de emancipação do conjunto dos povos pautados por uma ética de conteúdo universal.

A metodologia desta pesquisa deu-se por meio de levantamento bibliográfico (artigos, livros, dissertações e teses) que tematizaram a Mística no MST a partir da abordagem crítica. Recorremos, então, às reflexões de autores/as abalizados/as nas discussões, tais como: Coelho (2010), Caldart (2012), Stedile e Fernandes (2012), Souza (2012), Moura (2019) e Figueiredo (2020). O artigo está articulado e estruturado em três partes: 1) O MST e a sua proposta de educação emancipatória; 2) A Mística e suas características para as compreensões e vivências educativas do MST e 3) A Mística como prática educativa para a formação humana do povo político do MST: espaço/tempo de emancipação.

1 O MST E A SUA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

O MST surge na década de 80 enquanto movimento coletivo e educativo preocupado com a Reforma agrária. Sua organização deu-se pelas contribuições da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Essa Comissão era constituída por camponeses e líderes religiosos da Igreja Católica, particularmente, da ala progressista engajada nas mobilizações sociais. O MST nasce, então, das inquietudes dos religiosos adeptos da Teologia da Libertação (STEDILE; FERNANDES, 2012), e encontra nesta experiência as raízes de uma das suas dimensões mais originais e peculiares enquanto movimento social: a Mística.

Partindo dos contextos sociais e repressivos da Ditadura militar, o MST tem como pauta primeira a Reforma agrária popular (MORISAWA, 2001). O Movimento também coloca no centro de suas agendas o interesse pela educação revolucionária e libertadora, cuja base teórica se constitui a partir da releitura de autores como Marx, Lenin, Makarenko, Krupskaya, Freire, Florestan Fernandes e Josué de Castro, além dos teólogos Leonardo Boff e Frei Betto (STEDILE; FERNANDES, 2012). Desse modo, a Educação é apresentada como pauta primordial para pensar no processo de emancipação dos sujeitos camponeses, capacitando-os para a luta social. Com isso, o MST passa a ter como objetivo a criação de escolas para os seus acampamentos e assentamentos, com a proposta de constituir um projeto educativo que rompesse com a escola capitalista. Neste sentido, o Movimento conjecturou: “como a educação e a formação estão sempre em relação com a sociedade e/ou o projeto de sociedade em que se inserem, para o MST, educar é fundamentalmente formar para transformar a sociedade” (DALMAGRO, 2011, p. 45).

A Educação perpassa o compromisso social do MST e está, em primeiro lugar, nas dinâmicas internas da organização do Movimento, que (re)penha sua existência e atuação na sociedade, considerando o movimento da história e da cultura. O MST assevera que “a educação precisa assumir as tarefas que lhe cabem neste processo de fortalecimento da nossa organicidade, de clareza do projeto político dos trabalhadores e de construção prática e cotidiana da sociedade da justiça social e da dignidade humana” (MST, 2005, p. 159-160). A partir disso, torna evidente que “não esconde o seu compromisso em desenvolver a consciência revolucionária tanto nos educandos como nos educadores” (MST, 2005, p. 160).

Ao refletir sobre a luta pela Educação nos espaços do Movimento, faz-se mister compreender que essa é pensada e fortalecida para que os processos educativos e pedagógicos sejam embasados pela perspectiva emancipatória. Acerca da sua proposta educativa, o próprio Movimento afirma:

Estamos defendendo então que a educação no MST assuma este caráter de omnilateralidade, trabalhando em cada uma de suas práticas, as várias dimensões da pessoa humana e de um modo unitário ou associativo, em que cada dimensão tenha sintonia com a outra, tendo por base a realidade social em que a ação humana vai acontecer. Algumas dimensões principais que queremos deixar em destaque aqui: a formação técnico-profissional, a formação do caráter ou moral (valores, comportamentos com as outras pessoas); formação cultural e estética; formação afetiva; formação religiosa (MST, 1996, p. 8).

Neste sentido, segundo Figueiredo e Alencar (2019, p. 27), “[...] é nesse caminho – de uma educação omnilateral – que se estrutura a pedagogia do MST, visando outro projeto de sociedade”. O MST fomenta em suas práticas e mobilizações a intenção de emancipar o povo político³ que constitui o Movimento para o enfrentamento das contradições impostas pelas estruturas de governos e políticas as quais fragilizam a vida da classe trabalhadora, sobretudo, dos camponeses (CALDART, 2012).

Constitui-se, ademais, um aspecto fundamental da Educação proposta pelo MST o acento na práxis enquanto categoria essencial do seu pensamento pedagógico. A prática entendida não meramente como um momento do processo educativo, mas articulada imediata e constantemente com a reflexão (FREIRE, 1992). Desse modo, a ênfase é posta na dinâmica prática-teoria-prática que, impulsionada pela atitude de problematização que visa à compreensão da realidade, traduz-se num “[...] esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham” (FREIRE, 1992, p. 96). Nessa perspectiva, percebe-se que “o ato educativo no MST não pode ser gerado sem a reflexão da própria realidade e existência dos militantes e

³ Segundo Carrillo (2013, p. 26), “a ideia de ‘povo político’ não remete a uma condição ou população predeterminada, mas à ação dos sujeitos que constantemente questionam o sistema de dominação democrática, reconfiguram o espaço comum, os conteúdos da discussão pública e a expansão possível”. A expressão “povo político” será utilizada no artigo referindo-se a militantes (militância), termo usado pelo Movimento para se referir aos sujeitos sociais que compõem o Coletivo.

não pode ser pensado sem a força transformadora da práxis” (FIGUEIREDO; MIRANDA; ALENCAR, 2018, p. 19).

Considerando a compreensão de formação humana refletida em sua pedagogia, o Movimento Sem Terra (1996) aborda que “os princípios filosóficos dizem respeito à nossa visão de mundo, nossas concepções mais gerais em relação à pessoa humana, à sociedade, e ao que entendemos que seja educação. Remetem aos objetivos mais estratégicos do trabalho educativo no MST” (MST, 1996, p. 4). Com isso, o Movimento apresenta uma educação que ultrapassa os muros da escola e as próprias cercas dos acampamentos e assentamentos, compreendendo a Educação como um fenômeno que contribui para a constituição de projetos outros de sociedade, mormente, que coloquem as dimensões do ser humano no centro de sua proposta educativa, ou seja, uma formação para a cidadania que contemple a emancipação do povo político para o reconhecimento das estruturas sociais, para a busca por superações da desigualdade e das denegações.

Nesta perspectiva, Arroyo (2012) afirma que o MST é um sujeito coletivo e educativo, pois no seu interior está preocupado em formar o cidadão por meio das mais variadas atividades, tais como reuniões, encontros, marchas, formações, aulas, escolas. Torna-se um objetivo do MST colocar em prática uma proposta de educação emancipatória que fundamente os percursos de formação humana dos sujeitos sociais partícipes de suas atividades. Dessa forma,

[...] os Sem Terra, imbuídos da formação humana omnilateral, buscam, por meio da consciência, mudar a realidade, tendo como princípio a responsabilidade. Os novos homens e mulheres engajados socialmente, guiados pela Pedagogia do MST, percorrerão o caminho da problematização da realidade e, assim, poderão trilhar o caminho da existência em vista do melhoramento individual, coletivo e de projeto de sociedade com princípios humanizadores (ALENCAR; FIGUEIREDO, 2019, p. 31).

Ao refletir a concepção e o processo educativo do MST, compreendeu-se que a luta social do Movimento tem suas bases numa compreensão de Educação efetivamente delineada pela perspectiva libertadora e revolucionária (STEDILE; FERNANDES, 2012). Neste sentido, a partir das compreensões do MST sobre Educação, será discutida, na próxima sessão, a temática da Mística e suas características para o processo educativo e fortalecimento dos processos de formação humana do povo político do Movimento.

2 A MÍSTICA E SUAS CARACTERÍSTICAS PARA AS COMPREENSÕES E VIVÊNCIAS DO MST

A Mística, no decorrer da história do MST, foi adquirindo importância como uma prática educativa a ser evidenciada teórica e metodologicamente para auxiliar nas análises acerca do seu cotidiano. Para compreender o conceito de Mística no MST, é necessário considerar o contexto das origens do próprio Movimento, marcado por uma profunda influência da Teologia da Libertação, expressão da reflexão cristã desenvolvida no interior da Igreja Católica latino-americana a partir dos anos 60 do século passado. Segundo Frei Betto, a mística cristã nasce de uma qualidade intrínseca a cada ser humano:

A necessidade de sonhar é intrínseca a cada um de nós. E não é só isso: é também o desejo de nos suplantar, de nos superar. O humano é um ser que não cabe em si mesmo. Daí que a experiência mais profunda do ser humano é aquela que o arranca de si mesmo em direção a um outro – a experiência do amor. A isso a tradição cristã chama ‘mística’” (BOFF; BETTO, 1996, p. 115-116).

Esta experiência humana de sair de si mesmo, de abrir-se ao outro, não se perde na concepção de mística como uma experiência subjetiva de êxtase intimista dos mistérios sobrenaturais, que marcou durante muito tempo algumas correntes teológicas. Segundo Guerra (1988), os teólogos atuais acentuaram outro caráter para a mística, tentando recuperar o seu sentido positivo, “eliminando o caráter do enunciado incompreensível e aceitando a presença transbordante e de total proximidade em sua realidade transcendente” (GUERRA, 1988, p. 570). O cristianismo é, antes de tudo, uma religião profética, que acentua o elemento ético e histórico da experiência de Deus. A comunicação entre Deus e o ser humano não se dá simplesmente na intimidade, no seu interior. Ela acontece dentro da história, que culmina “na figura de Jesus de Nazaré como a suprema mediação histórica e síntese entre a mística e a profecia cristã” (GUERRA, 1988, p. 577). A mística não pode prescindir da existência histórica, pois não pode negar o valor da existência humana e da história para a realização da humanidade.

Neste sentido, a mística cristã orienta-se pelo seguimento de Jesus, que supõe compromisso para com os pobres, compromisso com a transformação social. Leonardo Boff e Frei Betto afirmam que a mística cristã

[...] apresenta-se como uma mística política-libertadora-contemplativa. Ela não aceita o mundo como está; quer mudá-lo e reconstruí-lo sobre a base da partilha, da solidariedade, da fraternidade/sororidade, do trabalho, do lazer e da veneração face ao mistério da criação (BOFF; BETTO, 1996, p. 23).

O serviço ao Deus cristão torna-se, portanto, lutar e trabalhar para instaurar a sua política no mundo, que é fazer com que a justiça prevaleça, que o amor se concretize, na solidariedade e na superação de qualquer desigualdade. No sentido sociopolítico, Boff e Betto (1996) apresentam a mística como algo que age sempre como uma utopia, uma capacidade de projetar sonhos, modelos alternativos históricos. A mística, no sentido sociopolítico, significa

[...] o conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam as pessoas e os movimentos na vontade das mudanças, inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos fracassos históricos (BOFF; BETTO, 1996, p. 24).

A mística, assim compreendida, leva as pessoas a se recusarem a aceitar a situação dada e gera energias para transformá-la. É essa mística “que faz aceitar as derrotas com honra e que é motor secreto de todo o compromisso, aquele entusiasmo que anima permanentemente o militante, aquele fogo interior que alenta as pessoas na monotonia das tarefas do cotidiano” (BOFF; BETTO, 1996, p. 24). Segundo Libânio, essa mística apresenta uma visão diferente de Deus:

Se o deus do capitalismo opta pelos ricos, o Deus da libertação o faz pelos pobres, que carecem das condições de vida... Deus sofre ao lado dos pobres, outro traço dessa imagem do Deus da libertação. [...] Finalmente, é também um Deus que ouve o grito da Terra a ser articulado com o grito dos pobres. A Terra é o pobre cuja morte acarretará a morte de todos nós. Portanto, o Deus criador é o Deus da vida dos pobres e de todo o nosso planeta. Tudo está envolvido nesse mesmo projeto de amor (LIBÂNIO, 2001, p. 71).

O MST entende a Mística de forma dinâmica, expressando-a também nas compreensões que tem de si enquanto sujeito coletivo e da realidade social e política, que está em mudança constante. A partir desse contato com a mística propiciada pela Teologia da Libertação, “o MST ressignificou o seu fazer em torno de suas lutas, interesses e

objetivos. É possível dizer que o Movimento começou a investir numa mística própria” (COELHO, 2010, p. 263).

Na passagem do sentido religioso à nova compreensão da Mística, o MST implica e tensiona epistemologicamente a sua experiência, provocando uma quebra de padronização conceitual importante para a tradição cristã, ou seja, o MST traz o conceito de Mística para o seu contexto de influência para teorizá-la e, desse modo, dinamizar a forma de vida do Sem Terra:

Por mais que reconhecesse a influência religiosa nessa prática, o MST procurou desvincular a sua mística do âmbito religioso. O Movimento também buscou teorizá-la, no intuito de construir sentidos para o seu fazer nas atividades desenvolvidas pelos sujeitos. À medida que a mística ganhava destaque, houve a necessidade de se refletir mais profundamente sobre ela, fato este que ocorreu na década de 1990 em diante. O Movimento teve uma preocupação intensa em orientar e construir recomendações de como deveria ser o seu desenvolvimento (COELHO, 2010, p. 263).

Visando à formação e fortalecimento da identidade Sem Terra, a teorização e expressão da Mística, segundo Lara Júnior, torna-se uma estratégia política:

Parece que, no interior das celebrações, as manifestações artísticas vão conjugando e ‘ajeitando’ as contradições teóricas e práticas do Movimento. Cantando, dançando, emocionando-se com as encenações, as pessoas são tomadas de indignação contra a opressão do sistema capitalista e pela utopia de um mundo melhor. A mística é um desnudamento da religiosidade da Política ou da politização da Religião historicamente construída (LARA JUNIOR, 2005, p. 90).

Para compreender a pedagogia da Mística existente no MST, é importante recorrer a alguns conceitos próprios da Teologia da Libertação, onde encontram-se fundamentadas as suas origens:

Sabemos que o movimento surgiu da articulação de ideias da esquerda marxista com pressupostos cristãos da Teologia da Libertação. Segundo Gilmar Mauro, um dos principais dirigentes a nível nacional do MST, o movimento teria trazido três “coisas boas” da Igreja. A primeira: trabalhar com a simbologia, a mística de trazer o futuro para o presente. A segunda: o vínculo com as bases, o povo propriamente dito. E a terceira: o espírito missionário. “Nós nos vemos como sacerdotes que estão cumprindo uma missão política”. (GOHN, 2000, p. 116).

A Mística no MST possui exatamente essa dimensão de fortalecer seus atores na caminhada de luta social. Segundo Stedile (2012), a Mística serve ao movimento que se organiza na luta social para compor a unidade de seus militantes e motivá-los em suas lutas:

[...] fomos construindo maneiras de fazer mística a partir de uma maior compreensão. Antes só imitávamos: 'A Igreja usa determinada liturgia mística para manter a unidade em torno do projeto do Evangelho'. Quando forçávamos a cópia, não dava certo, porque as pessoas têm de ter o sentimento voltado para algum projeto. A partir dessa compreensão, em cada momento, em cada atividade do movimento, ressaltamos uma faceta do projeto como forma de motivar as pessoas (STEDILE; FERNANDES, 2012, p. 133).

Stedile (2012) deixa claro que nem a esquerda nem a direita possuem essa dimensão da Mística. O MST se distingue por completo tanto da tradição marxista ortodoxa como do capitalismo. Na verdade, assim como a Teologia da Libertação, o MST utiliza o marxismo como mediação sociológica para compreender a sociedade e o próprio ser humano, mas sem dogmatizá-la. O movimento encontra na vivência da Mística a força nos embates cotidianos, e, principalmente, para a superação dos momentos difíceis da luta:

Nas lutas sociais existem momentos de repressão que parecem o fim de tudo. Mas aos poucos, como se uma energia misteriosa tocasse cada um, lentamente as coisas vão se colocando novamente e a luta recomeça com maior força. Esta energia que nos anima para seguir em frente é o que chamamos de 'mistério' ou de 'mística'. Sempre que algo se move em direção a um ser humano para torná-lo mais humano aí está se manifestando a mística (BOGO, 1999, p. 127).

Na Mística do MST, o símbolo materializa o ideal de luta promovido pelo Movimento, e torna-se um importante elemento na constituição de uma nova linguagem, que expressa um pensamento pedagógico próprio, com marcas de autoria coletiva (FIGUEIREDO; SILVA, 2021). Acerca da sua concepção de Educação, é importante destacar a capacidade do Movimento de criar novas pedagogias (GENTILI; MCCOWAN, 2003). Segundo Nascimento e Martins (2008, p. 119), "todas as pedagogias do movimento [...] apresentam em seu interior a pedagogia da mística". Os gestos, as danças, as rezas, os clamores, as marchas, a bandeira, o hino, as músicas e canções do Movimento, os cantos, enfim, todos os símbolos do MST convergem para a construção de uma ação pedagógica própria, dinamizada por saberes próprios, que se estabelece numa dimensão de

afrontamento ao sistema capitalista e suas produções ideológicas. O Movimento incentiva os seus coletivos a tomarem a Mística como prática essencial em suas atividades:

Queremos que essa prática contagie todos os militantes do MST. Queremos que ela seja exercida em todos os setores, instâncias, escolas, cooperativas, acampamentos e assentamentos. Da mesma forma, queremos que ela seja exercitada por outras organizações que têm os mesmos ideais e propósito de construir uma sociedade socialista (MST, 1991, p. 15).

Existe, portanto, um caráter educativo na pedagogia da Mística vivenciada pelo MST no Brasil, a qual é um instrumento essencial na formação política dos atores sociais, que constituem o seu povo político. A Mística no movimento se apresenta como celebração que possui conscientemente uma intencionalidade, dando impulso a um processo que mobiliza e educa o povo político em ação. Cerioli e Caldart (1999, p. 23) afirmam que “a mística é a alma de um povo. A mística do MST é a alma do sujeito coletivo Sem Terra que se revela como uma paixão (...). A mística é a alma da identidade Sem Terra”. Nas palavras do próprio Movimento, a Mística é o “conjunto de motivações que sentimos no dia-a-dia, que impulsiona nossa luta para a frente. Ela é responsável por reduzir a distância entre o presente e o futuro, fazendo-nos viver antecipadamente o que queremos alcançar” (MST, 1991, p. 4). Segundo Coelho (2010), pelo caminho da Mística o MST “constrói suas visões de mundo, estabelece quais são seus valores e crenças, expressa o que espera de seus integrantes, legitima a luta pela terra, ressalta quem são seus aliados e inimigos nas lutas, e constrói sua memória histórica” (COELHO, 2010, p. 177).

3 A MÍSTICA COMO PRÁTICA EDUCATIVA PARA A FORMAÇÃO HUMANA DO POVO POLÍTICO DO MST: espaço/tempo de emancipação

A Mística é uma das práticas educativas que mobiliza a vida coletiva do Movimento Sem Terra, tendo sua expressão nos percursos individuais e coletivos do povo político do Movimento, fortalecendo sua existência no decorrer da história, desde o surgimento na década de 80 até os dias atuais. Fernandes (2012) resume em poucas palavras o significado dessa prática para o Movimento: “A mística é uma prática que o movimento desenvolve. De certa forma, é seu alimento ideológico, de esperança, de solidariedade. A mística, para o MST, é um ritual. Ela tem um caráter histórico, de esperança, de celebração permanente”

(STEDILE; FERNANDES, 2012, p. 132). Na concepção de Coelho (2010, p. 213) a Mística “precisa ser vivenciada na prática cotidiana. É possível dizer que a sistematização da mística por parte do MST teria como fundamento produzir efeitos na prática cotidiana dos sujeitos”. Trata-se de rituais que buscam a constituição e o fortalecimento de uma identidade Sem Terra:

As místicas costumam acontecer nos mais diferentes espaços como acampamentos, assentamentos, encontros, congressos, tomando a forma de hinos, poesias, cantos, palavras de ordem, encenações, para apenas apontar alguns exemplos. E, nelas, os símbolos do movimento sempre se fazem presentes e são parte constitutiva da mística bandeiras, bonés, camisetas, foices, pás. Diria que esses rituais, por outro lado, dão sustentação às ações e demandas do MST, servindo como elementos potencializadores da capacidade de luta [...] (INDURSKY, 2014, p. 113).

Neste sentido, a Mística, no contexto do MST, situa-se na ordem do político. Através dessas práticas ritualísticas, os que delas participam vivem a experiência de se constituírem sujeito Sem Terra, reafirmando a sua identificação. É nessa perspectiva que se pode afirmar que a Mística possui uma dimensão educativa significativa no MST, considerando que ela mobiliza a conscientização dos sujeitos, animando-os e capacitando-os para as lutas pelos espaços que lhes são negados pela sociedade. À vista disso, pode-se asseverar que a Mística é um espaço/tempo emancipatório que propicia uma reflexão por meio da retomada de narrativas que constituíram a luta de homens e mulheres pela terra, pela valorização de sua identidade e defesa de sua liberdade, como Zumbi dos Palmares, Dandara, e, mais recentemente, Margarida Alves e Marielle Franco. Por essa razão, a Mística constitui-se como um espaço/tempo de construção de saberes os quais, expressos metodologicamente, podem ser sistematizados enquanto conhecimentos sociais e históricos revelados pela memória coletiva.

Segundo Moura (2019), a Mística reafirma os valores e ativa a memória, fortalecendo os motivos da perseverança na luta em coletividade, trabalhando os conceitos basilares do movimento. Por essa razão, constitui-se num instrumento fundamental no processo de humanização dos sujeitos e na formação do povo político do MST:

[...] a mística tão concreta entre os Sem Terra e difícil de ser traduzida para o mundo moderno, despolitizado e empobrecido de utopias e mitos revolucionários, parece ser a força propulsora que anima e gera a energia suficiente para os milhões de excluídos do campo se organizarem e acreditarem que a utopia de uma nova sociedade é possível (MOURA, 2019, p.116-117).

Considerando que o processo educativo no MST se realiza em espaços escolares e não escolares, todas as atividades desenvolvidas pelo Movimento constituem-se como práticas educativas, a maioria delas tendo a Mística como ritual de abertura, segundo descreve Bicalho:

Os encontros culturais são atividades sempre incentivadas. Eles possibilitam o contato intenso com palestras, músicas e poesias que contribuem para o enriquecimento e valorização da vida no campo, necessário no estímulo e participação dos educandos/as. Durante os encontros, cursos e atividades gerais é possível perceber, constantemente, uma organização inicial da mística, possibilitando um clima de bastante animação e reflexão (BICALHO, 2021, p. 9).

A Mística é um elemento do MST que auxilia na vida e na leitura do mundo. Portanto, requer dos indivíduos que a preparam o olhar acurado sobre a realidade, as demandas do Movimento e as contradições do momento. Segundo Sampaio (2001, p. 17), “sem luta não há combustível para energizar a mística e sem mística não há conscientização”. A Mística contribui na formação crítica dos sujeitos e propicia também o processo de formação de homens e mulheres cuja capacidade de problematizar a realidade os faz avançar na conquista de sua autonomia, considerando que “é enquanto epistemologicamente curiosos que conhecemos, no sentido de que produzimos o conhecimento e não apenas mecanicamente o armazenamos na memória” (FREIRE, 1994, p. 148). Este processo, na concepção de Caldart (2000), é uma experiência de percepção da realidade presente e futura, que se vivencia em coletividade:

A mística é exatamente a capacidade de produzir significados para dimensões da realidade que estão presentes, e que geralmente remetem as pessoas ao futuro, à utopia do que ainda não é mas que pode vir a ser, com a perseverança e o sacrifício de cada um. É uma experiência pessoal, mas necessariamente produzida em uma coletividade, porque o sentimento que lhe gera é fruto de convicções e valores construídos no convívio em torno de causas comuns. Neste sentido, se pode dizer que o MST ressignificou a própria experiência da mística, ainda que mantenha sua raiz cultural e utilize símbolos muito semelhantes aos dos grupos que lhe deram origem (CALDART, 2000, p. 134-135).

A vivência da Mística se torna um elemento catalisador das experiências existenciais dos que dela participam. No interior do MST, é uma experiência diretamente ligada aos anseios por transformação social. A Mística é, nesse sentido, uma prática educativa que, ao mesmo tempo em que mobiliza o indivíduo desde o seu interior e o fortalece na lida da vida, constitui-se, por outro lado, num movimento do coletivo como um todo que se une na luta popular. Segue-se disso que é possível pensar em um corpo-individual que forma um corpo-coletivo e ambos se fazem na construção de uma sociedade em que as relações sociais superem o individualismo incentivado pelo capital. É nesta perspectiva que Freire (1994) elabora uma reflexão bastante significativa na discussão acerca do corpo, que se constrói nas relações sociais:

É o que eu faço, ou talvez melhor, o que eu faço faz meu corpo. O que acho fantástico nisso tudo é que meu corpo consciente está sendo porque faço coisas, porque atuo, porque penso já. A importância do corpo é indiscutível; o corpo move-se, age, rememora a luta de sua libertação, o corpo afinal deseja, aponta, anuncia, protesta, se curva, se ergue, desenha, e refaz o mundo. Nenhum de nós, nem tu, estamos aqui dizendo que a transformação se faz através de um corpo individual. Não, porque o corpo se constrói socialmente (FREIRE, 1994, p. 92).

A prática educativa no MST fortalece o processo de humanização do sujeito ao cultivar o seu enraizamento humano por meio do trabalho com a memória coletiva (CALDART, 2001), buscando recuperar as experiências do passado e trabalhando-as no presente, fortalecendo a consciência da própria história. Este procedimento ganha, ainda, maior consistência quando “incorpora em seu movimento pedagógico a mística, que é o sentimento materializado em símbolos que ajudam as pessoas a manter a utopia coletiva” (CALDART, 2001, p. 222).

A Mística é uma dimensão fundamental no processo de formação humana do sujeito Sem Terra, pois favorece o cultivo da relação simbólica entre a memória e a utopia, entre o que está na raiz do Movimento e em seu projeto de futuro. Assumindo a memória coletiva e seus valores como condição para crescer na consciência da própria identidade como sujeito pessoal e coletivo Sem Terra, o MST busca a concretização do sonho de uma sociedade justa, como assevera Figueiredo:

[...] o Movimento aponta a mística como uma estratégia de (re)existência, considerando que ela tem o dom de acordar a memória coletiva, fortalecendo o

entusiasmo, a fé na utopia de uma sociedade igualitária, a esperança na força do povo político, a certeza de que é no exercício da cidadania consciente e na mobilização crítica do coletivo que mudanças acontecerão (FIGUEIREDO, 2020, p. 140).

Assentada na concepção de uma formação humana omnilateral, a Educação no MST busca favorecer que os sujeitos Sem Terra cresçam na consciência de que podem mudar a realidade, tendo como princípio a responsabilidade, percorrendo o caminho da problematização dos contextos sociais, afirmando a sua própria existência, e crescendo tanto na dimensão individual quanto coletiva, a serviço de um projeto de sociedade com princípios humanizadores. A prática da Mística nos espaços/tempos educativos do MST oportuniza aos sujeitos se perceberem como seres humanos, conscientes de sua presença no mundo, podendo “saborear a boniteza das possibilidades com posicionamentos revolucionários e de confiança, alicerçada no verbo ‘esperançar’” (FIGUEIREDO; ALENCAR, 2019, p. 31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi constituído em sua metodologia por uma pesquisa de cunho bibliográfico, tomando como referência a problemática: quais as possíveis contribuições da Mística numa perspectiva de educação emancipatória, para pensar a formação humana do povo político do MST? Com isso, tornou-se possível vislumbrar que a Mística tem dois sentidos centrais na vida do povo político do Movimento: um seria de fomentar e zelar por uma força interior que faz a luta acontecer socialmente e outro seria através da experiência que envolve mais o artístico, o ritual e o simbólico.

Compreendeu-se que a Mística possibilita um conjunto de reflexões acerca da Educação, sobretudo, apresentando as categorias emancipação, luta social, libertação e vida no campo. A Mística, lida e (re)lida numa perspectiva de educação emancipatória, favorece a força da esperança individual e ao mesmo tempo coletiva, dinamizando, assim, a estrutura coletiva do MST. Desse modo, torna-se relevante pontuar a importância e as contribuições da Mística enquanto prática educativa que favorece experiências as quais fundamentam a vida do povo político e fortalecem as estruturas e organização coletiva do MST.

A Mística revela-se um elemento educativo na vida do sujeito Sem Terra e, ao mesmo tempo, uma estratégia de emancipação social, ética e política, principalmente, por muitas vezes, ser uma oportunidade de fazer memória de momentos históricos que retratam resistências diante de eventos resultantes do abuso de poder e perseguições por parte de grupos hegemônicos que pensam a Educação na ótica do capital e distanciada de uma concepção libertadora. Deste modo, a vivência da Mística, que extrapola o mero viés religioso, passa a expressar-se enquanto práxis social que propicia a formação de novos sujeitos sociais e históricos engajados na transformação da sociedade brasileira.

Pode-se afirmar, ainda, que a Mística contribui para a formação humana do povo político do MST, por ser um meio de constituição de subjetividades e produção de saberes/conhecimentos específicos do povo camponês que expressam conteúdos de resistência, de afirmação da identidade cultural, de constituição de uma ética assentada em valores como justiça, solidariedade e respeito às diversidades, de valorização da arte e da dimensão simbólica da existência humana, para o enfrentamento das múltiplas demandas da realidade.

A Mística possibilita a circulação e vivência de princípios éticos que animam e legitimam a prática dos membros do MST em torno de uma educação emancipatória e contra-hegemônica.

Por ser um espaço/tempo com potencial para despertar e trazer à memória os saberes/conhecimentos ancestrais, a Mística favorece a reflexão crítica da história e da realidade social, propiciando o fortalecimento da utopia, que ajuda o povo político a perceber os meios de chegar aos inéditos viáveis os quais possibilitam vencer as situações-limites (FREIRE, 1992).

A Mística torna-se, nessa perspectiva, a força motriz para compreender a estrutura organizativa do Movimento alicerçada pela coletividade. Uma coletividade compreendida não como simples ajuntamento de indivíduos, mas uma coletividade alicerçada na luta em comum pela superação dos sistemas de opressão e, sobretudo, de negação do direito à vida, à moradia e à educação. O Movimento assume, portanto, a Mística como uma prática educativa, uma estratégia de emancipação do sujeito social crítico, reflexivo, consciente de sua condição de autor/a de sua própria história, e responsável pela transformação da realidade em que vive.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. Prefácio. In: CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BICALHO, Ramofly. A dimensão educativa e o fazer pedagógico no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-21, 2021.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra**. Salvador: Memorial das Letras, 1999.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais que escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CALDART, Roseli Salete. **O MST e a formação do Sem Terra: o movimento social como princípio educativo**. Estudos Avançados vol. 15, n. 43, São Paulo, Set/Dez 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000300016> Acesso: 23 abr.2021.

CARRILLO, Alfonso Torres. A Educação Popular como prática política e pedagógica emancipadora. In: STRECK, Danilo; ESTEBAN, Maria Teresa (org.). **Educação Popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis: Vozes, 2013.

CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli. **Como fazemos a escola de educação fundamental**. São Paulo: MST, 1999. Caderno de Educação n. 9.

COELHO, Fabiano. **A prática da Mística e a luta pela terra no MST**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados, 2010.

DALMAGRO, Sandra Luciana. A escola no contexto das lutas do MST. In: VENDRAMINI, Célia Regina; MACHADO, Ilma Ferreira, (Orgs.). **Escola e Movimento Social: experiências em curso no campo brasileiro**. São Paulo, Expressão Popular, 2011.

FIGUEIREDO, Allan Diêgo Rodrigues. **A prática pedagógica educador-educando no curso Pé no Chão do MST: caminhos para (re)pensar a formação humana**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2020.

FIGUEIREDO, Allan Diêgo Rodrigues; ALENCAR, Maria Fernanda dos Santos. Paulo Freire e a pedagogia do MST: caminhos para (re)pensar a formação humana. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, PE. Brasil, ano 2, v. 2, no 4. Edição Especial. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/>. Acesso em: 24.04.2021.

FIGUEIREDO, Allan Diêgo Rodrigues; MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves de; ALENCAR, Maria Fernanda dos Santos. MST e Educações: interfaces mobilizadoras de humanização. **Revista Saberes da Amazônia**, Porto Velho, v. 3, n. 7, jul-dez 2018, p. 2-32.

FIGUEIREDO, Allan Diêgo Rodrigues; SILVA, André Gustavo Ferreira da. Reflexões sobre a Educação do/no MST: marcas de autoria coletiva de um pensamento pedagógico. In: CASTRO, Paula Almeida de. (Org.). **Educação como (re)Existência**: mudanças, conscientização e conhecimentos. Campina Grande: Realize Editora, 2021. v. 1.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GENTILI, Pablo; McCOWAN, Tristan. **Reinventar a escola pública**: política educacional para um novo Brasil. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Os Sem-Terra, ONGs e Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2000.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GUERRA, Santiago. Mística. In: SILANES, Nereo; PIKAZA, Xavier. **Dicionário Teológico: o Deus Cristão**. São Paulo: Paulus, 1988, p. 574-586.

INDURSKY, Freda. O ritual da mística no processo de identificação e resistência In: **Revista RUA** [online]. 2014, Edição Especial - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/> Acesso em 23.04.21.

LARA JÚNIOR, Nadir. **A mística no cotidiano do MST**: a interface entre religiosidade popular e política. 2005. 154 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

LIBÂNIO, João Batista. Imagens de Deus na pós-modernidade. In: BOGAZ, Antonio Sagrado; COUTO, Márcio Alexandre (Org). **Deus, onde estás?** A busca de Deus numa sociedade fragmentada. São Paulo: Loyola, 2001, p.71.

MORISSAWA, Mitsué. **A História da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MOURA, Ricelio Régis Barbosa da Silva. **Pedagogia do MST e epistemologia da mística**: uma gramática simbólica da formação de militantes. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2019.

MST. **A questão da Mística no MST**. São Paulo, abril de 1991.

MST. **Princípios da educação no MST:** Reforma agrária, semeando educação e cidadania. Caderno de Educação n. 8. São Paulo, 1996.

MST. **Ocupando a Bíblia.** Caderno da Educação n. 10, São Paulo: MST, outubro 2000.

MST, **Dossiê MST Escola,** ITERRA, 2005.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do; MARTINS, Leila Chalub. Pedagogia da mística: as experiências do MST. **Emancipação,** Ponta Grossa, 8(2): 109-120, 2008. Disponível em: <<http://www.uepg.br/emancipacao>> Acesso: 23 abr.2021.

SAMPAIO, Plínio de Arruda. In: **MST – XVII encontro estadual,** textos para estudo e debate. Iaras, SP: 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. **A mística do MST:** mediação da práxis formadora de sujeitos históricos. 2012. 147 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/106259>>. Acesso em 23.04.21.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava Gente:** a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, coedição Fundação Perseu Abramo, 2012.

Enviado em: 12-05-2021

Aceito em: 28-08-2021

Publicado em: 06-09-2021